

O mau mais grave da economia brasileira é a produtividade

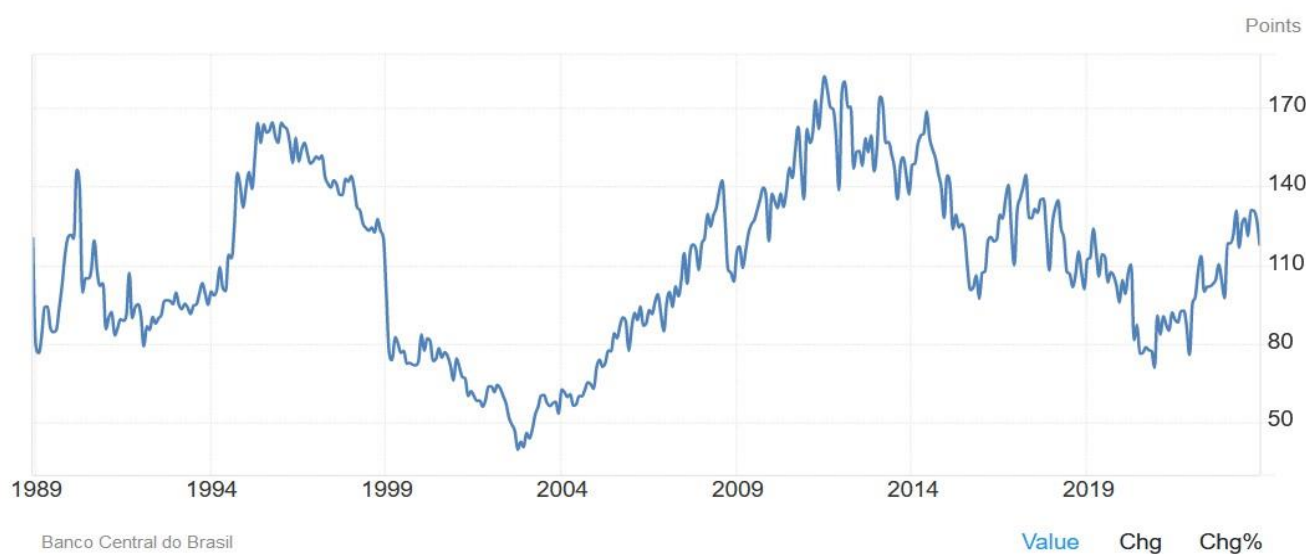
A produtividade geral da economia brasileira é muito baixa. Analisando setor por setor, temos que o de serviços tem crescimento fraco anual desse índice; a indústria nacional é uma legítima vergonha. Apenas um dos grandes setores tem um grau de aumento de produtividade que a torna competitiva no mundo inteiro: o setor agropecuário. Entender a competitividade desse setor é tarefa simples: elevada vantagem competitiva natural + bom crescimento da produtividade do setor ano após ano.

Aqui quero evidenciar algumas implicações do baixo incremento da produtividade nesses dois setores mais preocupantes (serviços e indústria).

Indústria:

Farei a análise puramente baseado em 5 gráficos.

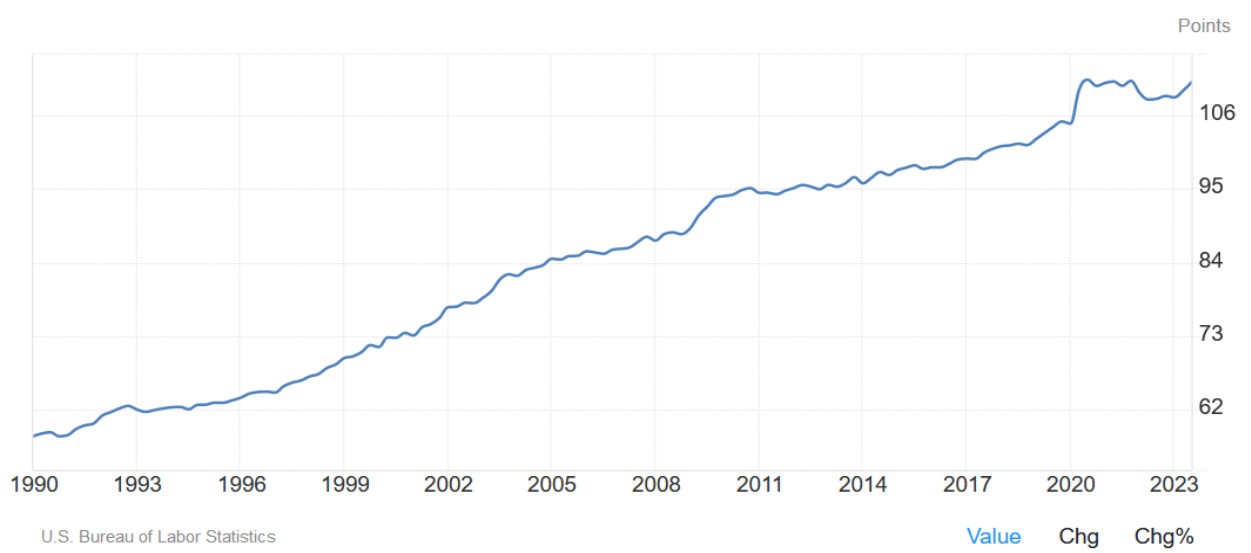
Gráfico 1 Produtividade geral da economia brasileira:



Ela está estagnada. Basta comparar com outros países.

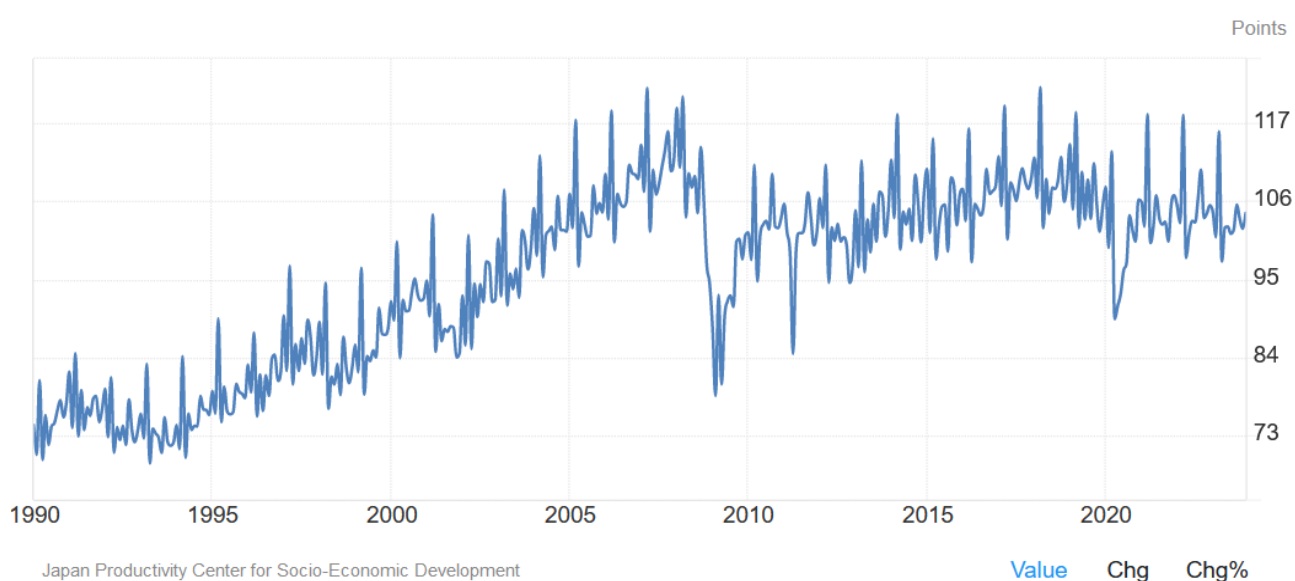
Eis aqui, abaixo, a comparação para evidenciar essa estagnação da produtividade.

Gráfico 2 Produtividade nos EUA



Repare na evidente tendência de crescimento anual consistente da produtividade geral da economia estadunidense.

Gráfico 3 (O triste caso da) Produtividade do Japão:



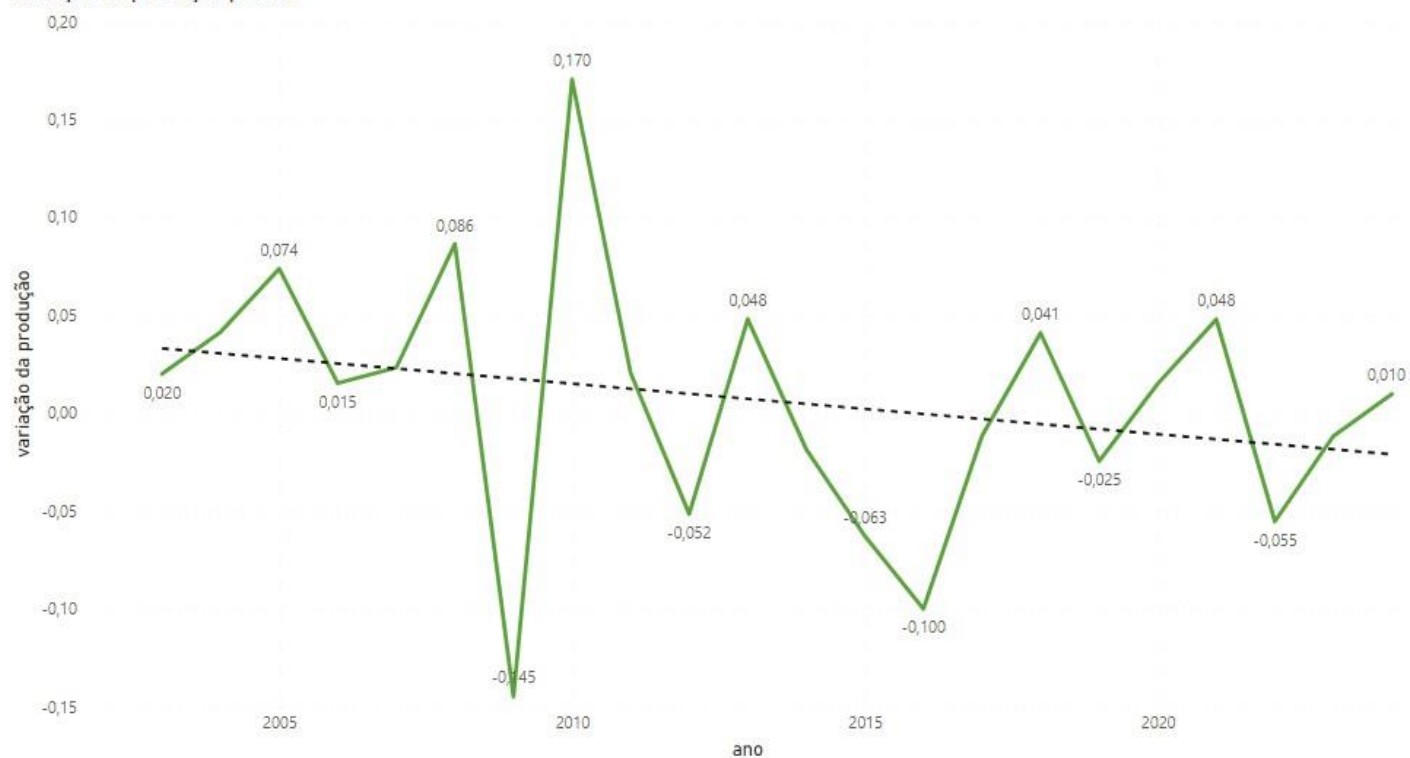
No caso do Japão, repare na tendência de subida que ocorre até meados de 2008 e a posterior estagnação da produtividade. Lembre-se a economia japonesa perdeu competitividade (a quanto tempo você não vê um made in japan?).

Gráficos tirados do site Trading economics

Os próximos gráficos evidenciarão a falta de competitividade da indústria brasileira:

Gráfico 4 A variação da produção da manufatura brasileira:

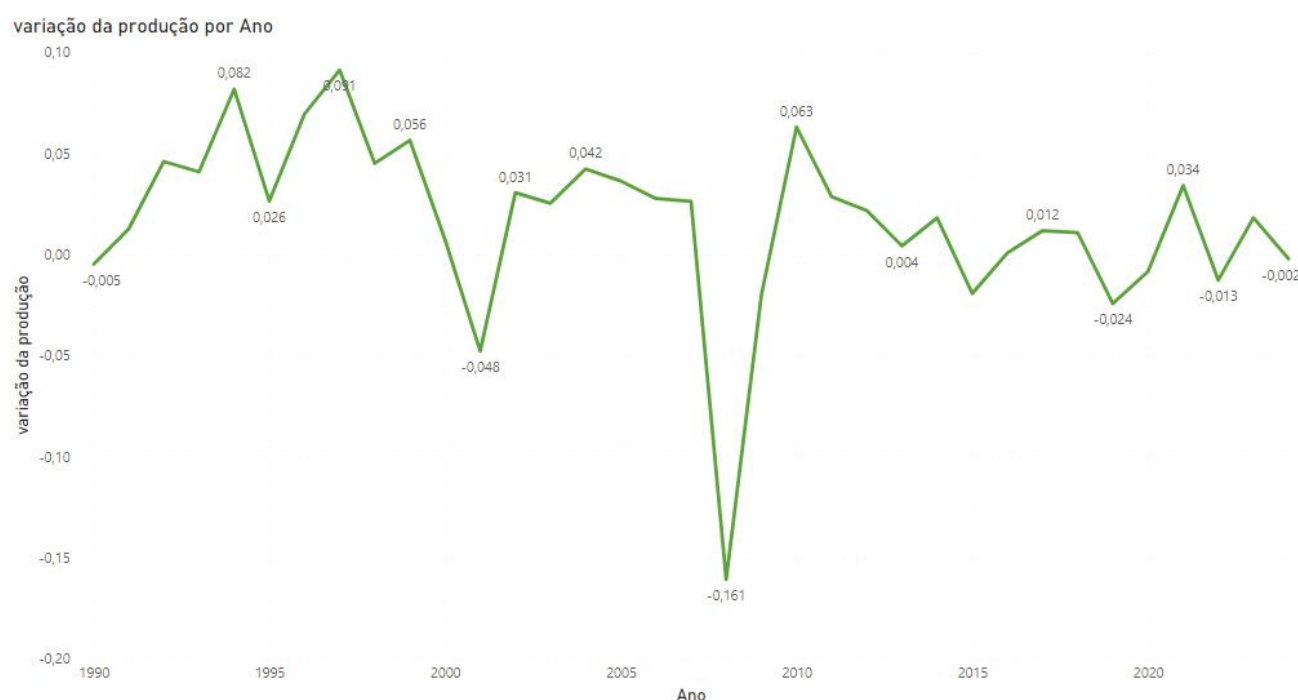
variação da produção por ano



Fonte de dados: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física

A linha tracejada evidencia a tendência de queda da produção industrial brasileira

Gráfico 5 A variação de produção da manufatura estadunidense:



Fonte: Federal Reserve Bank of st. Louis FED e montado no BI por mim

Repare que, na média, ao longo do tempo, tem-se uma tendência à estagnação. Note: a produção cresce até os finais dos anos 90, quando vem uma recessão nos EUA e ela cai. Depois ela volta a subir e se estagna. Até que vem o fatídico 2008 e a produção industrial cai absurdamente. Ela, no entanto, se recupera novamente e volta a subir até 2010 e, desde então, mantém um visual que evidencia uma tendência à estagnação do crescimento.

Os gráficos 4 e 5 evidenciam a questão da desindustrialização que é uma tendência no mundo. Porém, ela também mostra diferenças nessas tendências. No Brasil, a produção industrial tende a cair, enquanto nos EUA ela parece tender mais a estagnação. Isso demonstra que nos EUA a indústria continua, mas não possui mais aquele dinamismo de outrora – que hoje é mais característico do setor de alta tecnologia. No caso do Brasil, temos um encolhimento da indústria de transformação, ocorrida principalmente devido sua falta de competitividade no mercado internacional.

O Setor de serviços brasileiro

Esse setor pode ser dividido em dois: serviços sofisticados e não-sofisticados. Os serviços sofisticados geralmente envolvem muito conhecimento especializado, tecnologia avançada e valor agregado alto. Exemplos desse tipo de negócio incluem serviços financeiros, de consultoria em gestão, pesquisa e desenvolvimento, design de produtos, entre outros. Empresas que atuam nesse

setor aqui no Brasil incluem: Microsoft, IBM, Oracle, Accenture, PwC, Deloitte.. Perceba: várias empresas internacionais. Essas são algumas das maiores em faturamento nesse setor de serviços sofisticados que atuam aqui no Brasil. Para citar uma nacional, tem-se a TOTVS, que é muito competitiva.

O setor de serviços não-sofisticados são todos os outros relacionados a serviços básicos gerais: loja de roupa, cabelereiro, padaria e todos os outros serviços básicos utilizados pela sociedade. Esses serviços majoritariamente têm como característica essencial o baixo incremento da produtividade. Muito disso se explica pela baixa qualificação das pessoas que operam tais serviços. Nesse setor, temos onde a mão de obra menos qualificada é implementada e como consequência temos um setor menos produtivo. Entretanto, isso é natural e ocorre em todos os países. O que se pode fazer aqui é melhorar a mão de obra e as condições básicas para que essas empresas operem melhor, além disso, perceber que incrementar a produtividade geral da economia implica melhoria da produtividade desse setor de serviços não-sofisticados por tabela.

Uma situação hipotética interessante:

Usando a IBM como exemplo, temos que ela presta consultoria de TI. Um de seus serviços de TI prestados é a criação e implementação de banco de dados para grandes empresas. Todo tipo de empresa, sobretudo as muito grandes, hoje em dia, precisam de serviços como esse; no Brasil há várias grandes empresas; a implicação disso: a IBM veio para o Brasil prestar esse serviço. Ótimo.

Uma pergunta: por que não foi uma empresa nacional que se aproveitou desse mercado bilionário? A resposta: Porque uma empresa nacional não consegue competir com a IBM. Uma solução típica de um governo brasileiro para isso seria implementar barreiras de proteção no mercado. Isto é, taxar a IBM e a fazê-la desistir, ou pelo menos diminuir, sua de operação no Brasil. Suponha que a IBM, num caso mais radical, foi embora e de fato desistiu de sua operação no Brasil. Isso implicará que esse serviço ficará vago e conseqüentemente surgirá uma empresa nacional querendo operar ali. Um dia surgiu essa empresa nacional, a empresa – vou nomeá-la de DataOne. O problema: a DataOne, além de ter um nome feio, presta serviços muito inferiores à IBM. Como eu sei que ela prestará serviços inferiores à IBM? simples: se ela prestasse serviços tão bons ou melhores, ela teria conseguido competir com a IBM antes, mas ela não conseguia, e só cresceu depois que a IBM foi impedida de competir contra ela no mercado nacional. Porém, como só tem ela prestando esse serviço no Brasil, ela acaba conseguindo ampliar seu mercado e seus lucros aqui. No entanto, como ela é uma empresa ineficiente, a tendência é que surjam outras aproveitando brechas que empresas

ineficientes sempre proporcionam e querendo pegar uma fatia dos lucros elevados desse mercado. Assim, nesse mercado, acaba por surgir a Data2 e Data3. Essas empresas acabam crescendo e crescendo e obtêm vantagens em relação a outras. O governo brasileiro típico, a partir disso, exclamaria: “Nosso plano de “incentivo” a esse setor foi um sucesso!”

Perceba: A retirada da IBM nessa situação hipotética implicou em uma divisão desse mercado na mão 3 empresas nacionais. O que parece bom, não o é para a produtividade. É fácil entender que a IBM prestava serviços às empresas contratantes tais que implicava acesso a uma tecnologia mais sofisticada por parte dessas contratantes, tornando-as mais competitivas ao nível mais elevado, já que a IBM é a empresa mais competitiva desse setor no mundo. As nacionais, que agora são as únicas que prestam serviços nesse setor no Brasil, nessa suposição criada, não podem fornecer isso às contratantes. A primeira consequência é que as empresas nacionais que contratam esses serviços da DataOne, Data2 e Data3 não terão mais acesso aos melhores serviços possíveis! A segunda, é uma queda de produtividade dessas contratantes no uso de dados, que implica uma queda global de produtividade dessa empresa. Agora imagine isso acontecendo em vários setores ao mesmo tempo. Não precisa imaginar: é exatamente a situação do Brasil ainda hoje.

Essa é uma situação hipotética, mas que serve para evidenciar uma lógica muito comum no Brasil. Aqui, algumas empresas que não são capazes de competir a nível internacional continuam a obter lucros extraordinários ao conseguirem proteção do governo aos seus negócios no território nacional.

Isso ocorre pela falta de competitividade ou mesmo pelo protecionismo e pouca competição no mercado brasileiro; ou mesmo pela competição restrita e igualada por baixo, como aconteceu nesse caso hipotético.

O ideal nesse caso é deixar o mercado livre para a competição e estimular ainda mais o acirramento dessa competição. Uma maneira, no caso dessa situação hipotética, seria assimilar como as coisas são feitas pela IBM e então fornecer estímulos para o surgimento de uma empresa que conseguisse competir contra ela no mercado nacional. Estímulos de mercado, não privilégios e impedimentos para a operação da IBM. No entanto, note que mesmo se não surgisse uma empresa nacional no setor, ainda assim seria melhor para a economia brasileira como um todo a não retirada da IBM do Brasil. Motivos: as empresas contratantes teriam acesso à tecnologia de ponta a nível mundial no serviço contratado, o que tornaria as contratantes capazes de competir mesmo a nível internacional. Outro motivo, é que brasileiros poderiam trabalhar na IBM por um longo período tendo acesso às melhores tecnologias e depois talvez até empreenderem e criarem uma empresa que consiga ser

melhor que a IBM em algo e tome algum nicho de mercado dela, por exemplo. Ou mesmo, dado o alto grau de dinamismo da tecnologia, poderia-se sonhar em ter pessoas trabalhando no mais alto nível assimilando essas ideias e já criando coisas novas, de forma a tão logo empreenderem, aplicarem essas ideias e criarem uma empresa competitiva tão competitiva ou até mais que a própria IBM. Isto é, ter a IBM aqui, além de tudo, amplia a quantidade de conhecimentos do país e estimula a aprendizagem -- fator essencial para o surgimento de inovações em qualquer mercado. Se tivermos uma mão de obra capaz de absorver isso e com espírito empreendedor acentuado, é certo que surgiria uma nova empresa a partir das brechas que poderiam surgir, por exemplo, dos avanços tecnológicos. Um exemplo em que isso aconteceu, foi no setor bancário brasileiro, com o surgimento das fintechs. Tudo isso sem esquecer que: a quantidade de empregos gerados seria basicamente a mesma na economia.